

Uma análise construcionista da variação entre construções com verbo-suporte *DAR* no PB

Pâmela Fagundes Travassos¹
Marcia dos Santos Machado Vieira²

Resumo: O presente artigo tem como tema a variação entre padrões construcionais licenciados a partir da construção com verbo-suporte DAR nos quais esse verbo se relaciona a elementos não-verbais do tipo “uma X-[a/i]da”, “uma X-[a/i]dinha”, “um(a) X-(z)inh[o/a]” e “uma X-adela”, como: *dar uma caminhada*, *dar uma fugidinha* e *dar um pulinho*. Tendo em vista o princípio de não-sinonímia de Goldberg (1995), tenciona-se verificar se os resultados da pesquisa experimental empreendida com base em usos desses padrões vão mostrar se os informantes encontram diferenças funcionais entre os predicadores complexos. Tais padrões construcionais com verbo-suporte tendem a marcar curta duração temporal, mas podem pôr em jogo o uso de estratégia de polidez e, assim, operar como um recurso de preservação de face. Tendo em vista orientações da Linguística Funcional-Cognitiva e da Gramática de Construções baseada na experiência linguística, expõe-se uma pesquisa cujo objetivo foi o de investigar se haveria indícios de variação, bem como verificar as diferentes leituras do estado de coisas/evento ou situação por parte dos usuários do Português Brasileiro (PB), levando em consideração tanto o cotexto quanto o contexto semântico, discursivo e pragmático em que essas construções se inserem. Resultados confirmam a hipótese de que tais padrões construcionais, ao se atualizarem no discurso, põem em evidência diversos valores, como a curta duração temporal e a polidez. Além disso, alguns de seus constructos revelam indícios de variação (por convivência ou competição). Trata-se, portanto, de uma análise construcionista da variação baseada em resultados de pesquisa experimental.

Palavras-chave: Construções com verbo-suporte. Linguística Funcional-Cognitiva. Variação. Gramática de Construções. Pesquisa experimental.

Introdução

Tendo em vista que “*grammar often provides speakers with alternative ways of encoding a certain piece of conceptual substance*”³ (CAPELLE, 2009, p. 1), este artigo

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), integra a equipe do Projeto PREDICAR: Formação e expressão de predicados complexos. E-mail: fagundespamela@hotmail.com.

2 Professora Doutora na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas e do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ. Coordenadora do Projeto PREDICAR, membro do Grupo de Pesquisa Discurso & Gramática da sede UFRJ, coordenadora do GT de Sociolinguística da ANPOLL, membro do Comitê de Ética em Pesquisa do IESC/UFRJ e de NDE de cursos de Graduação da Faculdade de Letras. E-mail: marcia@letras.ufrj.br.

apresenta um estudo da variação entre construções menos esquemáticas licenciadas pela construção com verbo-suporte “dar” e nas quais esse verbo se relaciona a elementos não-verbais do tipo “uma X-[a/i]da”, “uma X-[a/i]dinha”, “um(a) X-(z)inh[o/a]” e “uma X-adela” no Português do Brasil (PB), como: *dar uma cochiladinha*, *dar uma fugidinha*, *dar uma escapadinha*, *dar um pulinho*, *dar uma olhadela*, *dar uma caminhada*. Construções são as unidades simbólicas básicas da língua (GOLDBERG, 1995, 2006; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). E uma língua é composta por construções que são resultantes de pareamentos de forma (prosódica, fonético-fonológica, morfológica, sintática) e função (semântica, discursiva, pragmática, cognitiva, social) e que estão organizadas em rede, mantendo inter-relações.

No quadro de pressupostos teóricos da Gramática de Construção, são apresentados dois princípios propostos por Goldberg (1995): o *Princípio da não-sinonímia*, segundo o qual “se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas” (GOLDBERG, 1995, p. 67-68) e o *Princípio da expressividade maximizada*, consoante o qual “o inventário de construções é maximizado por propósitos comunicativos” (GOLDBERG, 1995, p. 67-68).

Tendo em vista esses dois princípios, acredita-se que os resultados dos testes experimentais, conforme seção “Análise dos dados de percepção, avaliação e atitude linguística”, permitirão encontrar similaridade e, em certa medida, a não confirmação do primeiro princípio supracitado, uma vez que, apesar de as construções apresentarem formas diferentes (sintaticamente distintas), os informantes, supõe-se, não percebem as diferenças semânticas ou pragmáticas em constructos advindos delas ou, quando o fazem, ainda assim os alinham por similaridade na experiência de uso. Como exemplos de constructos que, no uso, são alinhados funcionalmente, podem-se citar os seguintes (selecionados a partir do *corpus*): “dar uma risadinha” e “dar um risinho” dos enunciados “E o Eduardo Cunha, presidente da Câmara, é meio terrorista, cria todo um clima. Ele coloca pra votar e, um minuto depois, já começa a anunciar no microfone ‘vou encerrar a votação, vou encerrar a votação’. É muito engraçado porque ele fala ‘vou encerrar votação’ e dá uma risadinha de lado, diz Renata em uma postagem.” e “Depois de ver muita gente passar por situações parecidas, entendi que esses tipos não só praticam seu mau humor e grosseria intencionalmente como acham uma

3 “(...) a gramática frequentemente fornece aos falantes formas alternativas de codificar um certo pedaço de substância conceptual” (tradução nossa).

certa graça nisso. Assim que a vítima do mau humor vai embora, o mau humorado em questão busca a cumplicidade ao redor, dá um risinho e diz algo que só ele acha engraçado.”

Hipotetiza-se que, nos contextos apresentados anteriormente, os padrões construcionais “dar uma risadinha” e “dar um risinho”, apesar de não serem sinônimos perfeitos, podem ser comparáveis entre si e podem ser usados intercambiavelmente no mesmo contexto (daí a variação), para fazer referência a um riso discreto. Entende-se que essas construções apresentam semelhanças e diferenças, possuindo graus de “comparabilidade funcional” (LAVANDERA, 1978, p. 181)⁴.

Já em relação ao segundo princípio, acredita-se que a análise dos dados de uso e de percepção, avaliação e atitude (pesquisa experimental) levará à confirmação do princípio, uma vez que essas construções estão a serviço de necessidades comunicativas. Além disso, pressupõe-se que o lugar da variação não é apenas o uso concreto/substantivo (constructo), mas também o nível abstrato das microconstruções, pois os falantes retêm em sua memória as possibilidades de alinhamento funcional convencionalizadas numa comunidade linguística. E fatores semânticos, discursivos e pragmáticos, bem como o cotexto linguístico⁵, podem implicar diferentes possibilidades de atualização de sentido a dados de tais padrões construcionais (ora mais próximas, ora menos).

As construções com verbo-suporte em jogo podem indicar curta duração temporal, como no exemplo, a seguir, em que “dar uma caminhadinha” faz referência a uma caminhada breve e o verbo “basta” apresentado anteriormente à construção contribui argumentativamente para a percepção de que o evento de caminhar é curto, não sendo necessário muita atenção nem muito tempo de caminhada para observar a evidência expressa anteriormente no trecho: “Devia ser pelo caráter da evidência: para os cariocas deve haver uma relação imediata entre sol e erotismo. Adoram imaginar-se como eróticos. Basta dar uma caminhadinha por qualquer praia do Rio em dia de sol para se adquirir a certeza”. Mas tais construções também estão a serviço da indicação de um cuidado com a própria fala por parte do locutor (modalidade/subjetividade) (NASCIMENTO, 2010) e/ou um cuidado com o interlocutor (intersubjetividade) (TRAUGOTT & DASHER, 2005; TRAUGOTT, 2010), tendo em vista o objetivo de minimizar a ameaça à face dos interactantes (BROWN & LEVINSON, 1987;

4 Entende-se “graus de comparabilidade funcional” como sendo graus de equivalência em relação a atributos/aspectos semânticos, discursivos, pragmáticos, cognitivos e/ou sociais.

5 Entende-se “cotexto” como sendo o ambiente estritamente linguístico do entorno da construção.

GOFFMAN, 1967), funcionando como uma estratégia de polidez, como no exemplo a seguir: “Qualquer ação envolvendo dinheiro público entre agentes públicos para dar uma arrumadinha, um ajeitamento em algo que pode estar fora de ordem é condenável, é mais que condenável, é execrável”.

No exemplo, a construção “dar uma arrumadinha” foi usada para fazer referência à perspectiva dos agentes públicos e, portanto, foi usada como uma tentativa de amenizar a gravidade das ações condenáveis. Da mesma forma, a expressão “um ajeitamento” reforça essa ideia, com a finalidade de suavizar as atitudes erradas.

Os objetivos deste estudo são: (i) observar o grau de instabilidade dessas perífrases verbo-nominais para os usuários do Português do Brasil (PB); (ii) investigar se há indícios de variação por convivência e/ou competição⁶; (iii) verificar as diferentes leituras do estado de coisas/evento ou situação por parte de usuários do PB, obtidas através de pesquisa experimental (averiguar se brasileiros associam dados das construções em estudo a uma leitura de curta duração temporal e/ou a uma estratégia para suavizar a ameaça à face dos interactantes); (iv) investigar em que medida elementos do contexto semântico, discursivo e pragmático, bem como do contexto linguístico, podem contribuir para a semântica da expressão.

Pressupostos teórico-metodológicos

A principal linha teórica que serviu de base a este trabalho é a Gramática de Construções, mas também se levou em consideração a articulação dessa teoria com pressupostos da Linguística Funcional-Cognitiva e da Sociolinguística.

Com base nessa abordagem, entende-se a língua como um sistema de comunicação utilizado em situações reais de interação, em um determinado contexto social, e a gramática de uma língua como uma “rede” (*continuum* léxico-gramática, um “*constructicon*”, ou seja, um léxico com um inventário de construções). A gramática é o conhecimento de um sistema linguístico, ela é emergente (está em constante mudança), é moldada pelo uso e formada por um conjunto de construções. Além disso, nessa perspectiva, todos os níveis da língua

6 Possibilidades de configuração do fenômeno da variação aventadas por MACHADO VIEIRA (2016).

(fonologia, morfossintaxe, semântica, pragmática e léxico) atuam holisticamente. A língua, portanto, pode ser entendida como uma rede de nós e de suas relações (de herança/taxonômicas, de polissemia, metafóricas, metonímicas, de instanciação, de subparte).

No modelo construcionista, construções (desde afixos até cláusulas inteiras) são as unidades básicas da língua (GOLDBERG, 1995, 2006), pareamentos convencionais diretos e simbólicos de forma (prosódica, fonético-fonológica, morfológica e sintática) e função (semântica, discursiva, pragmática, cognitiva, social). Cabe dizer que são convencionais porque são compartilhados socialmente em uma comunidade.

Uma articulação com a Sociolinguística se torna importante, uma vez que o trabalho tem como foco de interesse a variação no cerne do processo social. Levou-se em conta, portanto, a Teoria da Variação e Mudança, de Weinreich, Labov & Herzog (2006), bem como aspectos relacionados à variabilidade tendo por base Tavares & Görski (2015), Hilpert (2014) e Wiedemer & Machado Vieira (2018). De acordo com Weinreich, Labov & Herzog (1968, p. 187), “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística envolvem mudança; mas todas as mudanças envolvem variabilidade e heterogeneidade”. Desse modo, é importante o estudo da variação como central, pois generalizações sobre variação também se encontram estocadas na mente dos indivíduos; além disso, uma situação de variação pode ensejar oportunidade para mudanças na língua.

Já é fato (re)conhecido que as línguas variam, uma vez que se trata de um fenômeno natural, e que essa heterogeneidade é ordenada, isto é, segue regras/motivações regulares. Sendo assim, a escolha exclusiva ou preferencial por determinada estrutura que está em variação com outra não é randômica, pois há fatores extralinguísticos e intralinguísticos que influenciam no uso. Apesar de haver diferença formal entre certas configurações das construções menos esquemáticas em estudo, acredita-se que pode haver, em alguma medida, um “mesmo valor de verdade” entre elas, uma “comparabilidade funcional” (LAVANDERA, 1998), ou seja, em um mesmo contexto, elas podem ser comparáveis entre si a ponto de o usuário do PB não perceber diferenças entre elas, quando as acionam para certas finalidades semânticas, discursivas, pragmáticas. Portanto, pode haver influência do contexto, bem como do contexto linguístico (ambiente estritamente linguístico do entorno da construção), no “acionamento” de determinada forma ou de uma ou mais possibilidades formais para que o falante cumpra seu intento comunicativo. E, no segundo caso, a diferença que houver se ligará

à hipótese de preempção estatística, à suposição de que formulações testemunhadas nos dados competem ou convivem probabilisticamente com outras formulações viáveis para o contexto/cotexto em questão).

Outros conceitos relevantes para este trabalho dizem respeito ao que Cappelle (2006, p. 18) denomina de *allostructions* e de metaconstrução. O termo *allostructions* surgiu por analogia a alofone e a alomorfe e se refere às possibilidades (alternativas) em situação de variação. A essas formas em alternância, também se pode chamar de variantes construcionais, isto é, “padrões construcionais independentes que podem alinhar-se para servir a uma função (semântica, discursiva, pragmática ou cognitiva)” (HILPERT, 2014; PEREK, 2015). Tendo em vista que as construções se mantêm interligadas umas às outras e que elas mantêm uma semelhança em um nível mais abstrato, Capelle (2006) propõe que as construções devem ser entendidas como inter-relacionadas por meio de uma “metaconstrução”.

Como a variação construcional faz parte do conhecimento linguístico dos falantes, uma vez que os usuários da língua sabem intuitivamente como e quando utilizar uma determinada construção e não outra, assim como quais variantes são possíveis e quais não são em um contexto específico, é importante que a Gramática de Construções dê conta dessa realidade. A relação simbólica forma-função numa construção não deve ser encarada como uma mera correspondência (de *um-para-um*) de uma única forma para um único sentido. Em vez disso, deve ser encarada como um mapeamento “*many-to-many*” (HILPERT, 2014), pois os polos formal e funcional de uma construção contêm variantes formais assim como variantes semânticas (polissemia).

Quanto aos valores associados às construções em estudo, algumas delas apresentam um comportamento em prol da expressão da curta duração temporal que aparenta já estar convencionalizado entre os usuários do PB. No entanto, parece haver uma tendência de convencionalização, em certos padrões construcionais, à indicação de um funcionamento pragmático relacionado à (inter)subjetividade e modalidade, em que há indícios de marcação de atitude subjetiva, um cuidado em relação ao próprio enunciado, ao interlocutor. Quando um falante modaliza, ele considera um estado de coisas, uma eventualidade a partir de possibilidades que são evocadas de um conjunto de verdades, valores, conhecimentos, necessidades ou obrigações estabelecidos e compartilhados numa comunidade e inferidos na relação locutor-interlocutor. De acordo com Traugott & Dasher (2005), (inter)subjetividade

provém do *continuum* entre ponto de vista objetivo e (inter)subjetivo, por meio do qual um indivíduo conceptualizador concebe um estado de coisas. Há a possibilidade de observar os eventos ou uma entidade de forma mais objetiva, como se configuram “na realidade” ou com base em uma perspectiva subjetiva (individual) ou ainda uma atenção ou preocupação deste com o interlocutor, enquanto participante de evento comunicativo.

Percebe-se também uma atitude de polidez que permite suavizar a ameaça à face⁷ dos interactantes. Segundo Goffman (1967, p.5), “o termo ‘face’ pode ser definido como um valor social positivo que uma pessoa reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha tomada por ela durante um contato específico. ‘Face’ é a imagem do ‘eu’ delineada em termos de atributos sociais aprovados”. Conforme Brown & Levinson (1987, cap. 22), “a face negativa é o conjunto dos territórios do ‘eu’ (território corporal, espacial, temporal, bens materiais ou simbólicos); a face positiva, o conjunto das imagens valorizadas de si mesmos que os interlocutores constroem e tentam impor na interação”. A polidez relaciona-se à atenção que o locutor dá ao interlocutor enquanto participante de evento comunicativo, é “um meio de conciliar o desejo mútuo de preservação das faces com o fato de que a maioria dos atos de linguagem são potencialmente ameaçadores de qualquer uma dessas mesmas faces” (BROWN & LEVINSON, 1987, cap. 22). É possível dizer que qualquer ato de fala pode ser considerado como ameaçador à face dos indivíduos envolvidos em uma situação comunicativa. Brown & Levinson (1987) chamam esses atos de *Face Threatening acts*, os *FTAs* (atos ameaçadores de face). As faces são alvo de constantes ameaças, mas elas também podem ser preservadas. Então, Brown & Levinson (1987) propuseram as estratégias de polidez como um recurso disponível na língua para amenizar as ameaças à face e, muitas vezes, como uma estratégia de convencimento.

O material que serviu de apoio à pesquisa consiste em 243 dados na modalidade escrita do Português do Brasil (PB) coletados em contextos reais de uso dos séculos XX e XXI, dos quais 208 dados foram retirados do acervo *online* do jornal O Globo. Os textos são de gêneros textuais diferentes (principalmente, notícia, carta de leitor e crônica), tipos textuais

7 Brown & Levinson (1987, p. 311) assumem que “*all competent adult members of a society have (and know each other to have): 1) ‘Face’, the public self-image that every member wants to claim for himself, consisting in two related aspects: (a) negative face: the basic claim to territories, personal preserves, rights to non-distraction – i. e., to freedom of action and freedom of imposition, (b) positive face: the positive consistent self-image or ‘personality’ (crucially including the desire that this self-image be appreciated and approved of) claimed by interactants. 2) Certain rational capacities, in particular consistent modes of reasoning form ends to the means that will achieve those ends.*”

diversos e pertencentes ao domínio jornalístico. Recorreu-se à ferramenta de busca do *Google* para a constituição de uma amostra complementar (35 dados) que serviu ao procedimento de verificação das potencialidades da construção. Além dos dados de uso, contou-se ainda com os dados gerados a partir da pesquisa de percepção, avaliação e atitude linguística (pesquisa experimental), com o objetivo de contar com opiniões, valores, impressões e preferências dos usuários do PB. Entende-se “atitude linguística” como “um estado mental de predisposição em relação a formas/estruturas linguísticas em um sistema, que lhes pode ser favorável, desfavorável ou, ainda, neutro, que pode ser relativamente estável e que pode ter origem em comportamentos coletivos” (ESTEVES, 2008).

Os procedimentos metodológicos eleitos foram os seguintes: análise quantitativa e qualitativa dos dados de usos e de percepção, avaliação e atitude linguística, bem como metodologia experimental. A pesquisa seguiu as seguintes etapas: primeiramente, foi feita uma pesquisa na literatura dos materiais relacionados à descrição das construções com verbo-suporte em jogo. Posteriormente, foi feita a coleta dos dados, seguida de uma análise quantitativa/estatística e qualitativa do material retirado do uso efetivo de interação comunicativa, com metodologia introspectiva/intuitiva (abordagem dedutiva, com *insights* sobre novos fenômenos). No que se refere à análise quantitativa, levou-se em consideração a frequência das ocorrências (*token/constructo*) e dos padrões construcionais (*type/microconstrução*), pois “a frequência de um padrão de uso particular é entendida como modeladora e como resultado do sistema, ela é indispensável em qualquer explicação a respeito da língua” (ALONSO; CEZARIO, 2015, p. 64). Importante é ressaltar o “fato de que os dados empíricos utilizados pelo linguista se referem a algo que efetivamente existe no mundo real e não pode ser apenas um artefato criado pelo próprio pesquisador” (KENEDY, 2015).

Em seguida, selecionaram-se dados de uso, alguns dos quais poderiam servir aos propósitos da pesquisa experimental. A pesquisa de opinião foi confeccionada e aplicada através do formulário *online Google Forms*. Após o registro das respostas dos informantes ao teste, procedeu-se à análise quantitativa/estatística, bem como à análise qualitativa dos dados de percepção, avaliação e atitude (mentalista) dos usuários do Português do Brasil com relação a essas construções. Optou-se pela pesquisa experimental *offline*, método indireto, que envolve reflexão consciente do informante diante do teste e através do qual se tem acesso aos

resultados após o processamento linguístico. Cabe ressaltar que esse experimento tem como objetivos: (i) verificar quais seriam os motivos para a escolha intuitiva de uma construção e não de outra; (ii) observar as reações e julgamentos inconscientes dos usuários do PB com relação a essas perífrases.

A técnica usada foi a de questionário com seis (6) questões de múltipla-escolha e seis (6) discursivas (respostas curtas). Solicitou-se aos informantes que informassem sua idade, seu nível de escolaridade (fundamental, ensino médio, superior ou pós-graduação) e a cidade onde moram (cf. apêndice). Ao final de cada teste, solicitava-se ao informante que desse seu consentimento acerca da confirmação da participação. Cada informante utilizou o tempo que achou necessário para finalizar o teste, não havendo uma limitação de tempo. Não houve a utilização dos estímulos distratores, já que, com estes, o teste poderia ficar extenso e ser considerado “cansativo” para os informantes.

Ao todo, 24 informantes responderam à pesquisa de opinião. Os respondentes/participantes da pesquisa são provenientes de ambientes variados, com perfis diversos. A maior parte dos informantes apresentou a informação de que moram na cidade do Rio de Janeiro (também houve participantes de Belford Roxo (1 informante), Belém (1), Duque de Caxias (1) e Nova Iguaçu (1)); e a faixa etária deles variou entre 22 e 62 anos. No que diz respeito ao nível de escolaridade, configura-se, assim, o perfil dos informantes:

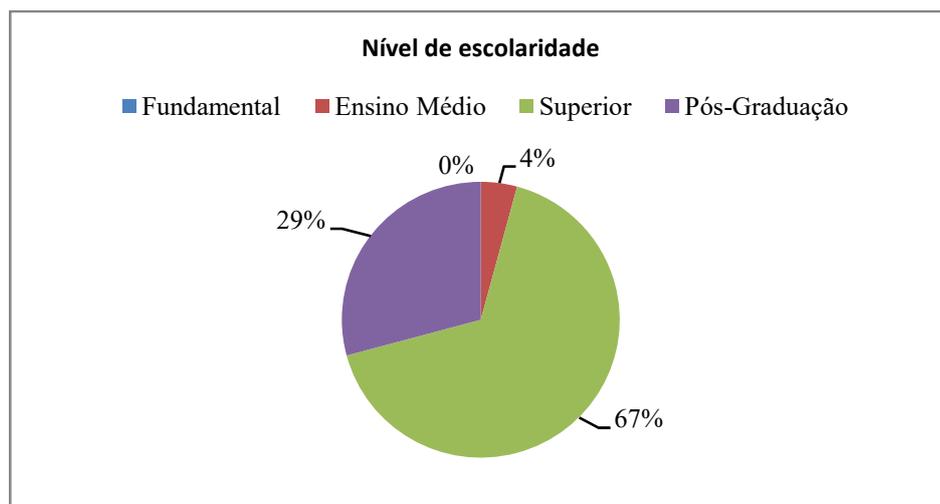


Gráfico 1: Distribuição dos informantes da pesquisa de opinião por nível de escolaridade

Por fim, procedeu-se à investigação de indícios de variação (por convivência e/ou por competição).

Na próxima seção, apresentar-se-ão questões e problemas relacionados ao tema, as justificativas para o trabalho, bem como sua contribuição e importância.

Justificativas

Tendo em vista o “Princípio da não-sinonímia”, proposto por Goldberg (1995, p.67-68) e já referido por BOLINGER (1968), analisaram-se os usos, bem como as percepções, avaliações e atitudes dos usuários do PB acerca das perífrases com verbo-suporte em questão, a fim de se reunirem evidências empíricas que confirmem ou não esse princípio. O caráter exploratório desse princípio nesta pesquisa baseia-se na hipótese de que a possibilidade de analogia/alinhamento funcional entre construções independentes pode propiciar-lhes áreas de atuação na língua com relação de similaridade (estatuto de não-isomorfismo). Outras questões fundamentais se somam a esse intuito: O que há de variável nessas construções com verbo-suporte? Há construções que estão variando (convivendo ou competindo)? Quais e como isso se dá? Quando ocorre a variação por competição? Quando ocorre a variação por convivência? Quais as motivações para a variação? Essas construções apresentam diferenças semânticas e/ou pragmáticas? Como os usuários do PB percebem, reagem e avaliam essas construções? Qual o lugar da variação na representação da rede de construções com verbo-suporte?

O tema proposto é importante para a área de Letras/Linguística, uma vez que são raros os estudos de enfoque construcionista da variação (dentre os quais, podem-se citar MACHADO VIEIRA, 2016, MACHADO VIEIRA & WIEDEMER, 2018); há, portanto, uma lacuna na literatura com relação a esse tema. Recentemente se dava maior atenção à estabilidade ou à mudança; no entanto, a variação vem ganhando mais espaço nas pesquisas construcionistas e urge questionar o lugar dela na representação construcional. Além disso, há um interesse cada vez maior acerca das estruturas com algum grau de esquematicidade. Entende-se, então, que, no que se refere às expectativas com relação a esse empreendimento, ao tratar da variação neste trabalho, reforça-se a ideia de que a língua sempre esteve e está em constante movimento, diversificando suas formas e que a gramática está sempre “emergindo”.

Pretende-se observar, com base em Hilpert (2014), se o lugar da variação construcional é apenas o do constructo ou se também é o nível abstrato de esquematicidade, o das microconstruções com verbo suporte em foco nesta investigação.

Análise da configuração de construções com verbo-suporte

Análise dos dados dos usos

A fim de fazermos uma análise descritiva dos dados de usos, cumpre observar, com base em Traugott & Trousdale (2013), os três parâmetros relacionados à construção: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

O primeiro parâmetro citado é a esquematicidade que consiste em uma categorização hierárquica das construções, de acordo com o grau de abstração e se trata de um conhecimento implícito, pré-estabelecido na mente dos usuários da língua. A partir dos constructos (usos substantivos/concretos no discurso efetivado) emergem as generalizações esquemáticas, representações que são feitas a partir da experiência linguística. Quando observamos construções formadas pelo verbo-suporte “dar” seguido do elemento não-verbal do tipo “uma X-[a/i]da”, “uma X-[a/i]dinha”, “um(a) X-(z)inh[o/a]” e “uma X-adela”, estamos lidando com padrões construcionais esquemáticos, pois elas envolvem abstração, evidente na indicação de um *slot* “X” para o qual temos a expectativa de diversas possibilidades de preenchimento. Entende-se “esquema” como uma “generalização taxionômica de categorias, essencialmente abstrato e rotinizado, cognitivamente entrincheirado, padrão construcional da experiência” (KEMMER, 2003, p. 78). Para que se compreendam as semelhanças e diferenças entre os padrões construcionais, é preciso, em linhas gerais, levar em conta quatro níveis de esquematicidade. São eles: (i) macroconstrução/esquema, que diz respeito ao pareamento mais abstrato na rede, com mais *slots*, ou seja, possibilidades diversas de preenchimento; (ii) mesoconstrução/subesquema, o conjunto de construções individuais com similaridades observáveis; (iii) microconstrução, que corresponde às construções individuais com capacidade de se instanciarem no discurso, mas

ainda abstratas; e (iv) constructo (realização/uso), que diz respeito às ocorrências empiricamente atestadas no discurso.

Na rede que envolve as construções com verbo-suporte em jogo, as construções se inter-relacionam em uma estrutura complexa de informações (rede de nós e *links*), em que as construções mais esquemáticas sancionam construções que estão em um nível mais baixo na rede (idiossincrasias). A seguir, é possível observar uma representação de como se concebe essa rede relacionada às construções com verbo-suporte “dar”:

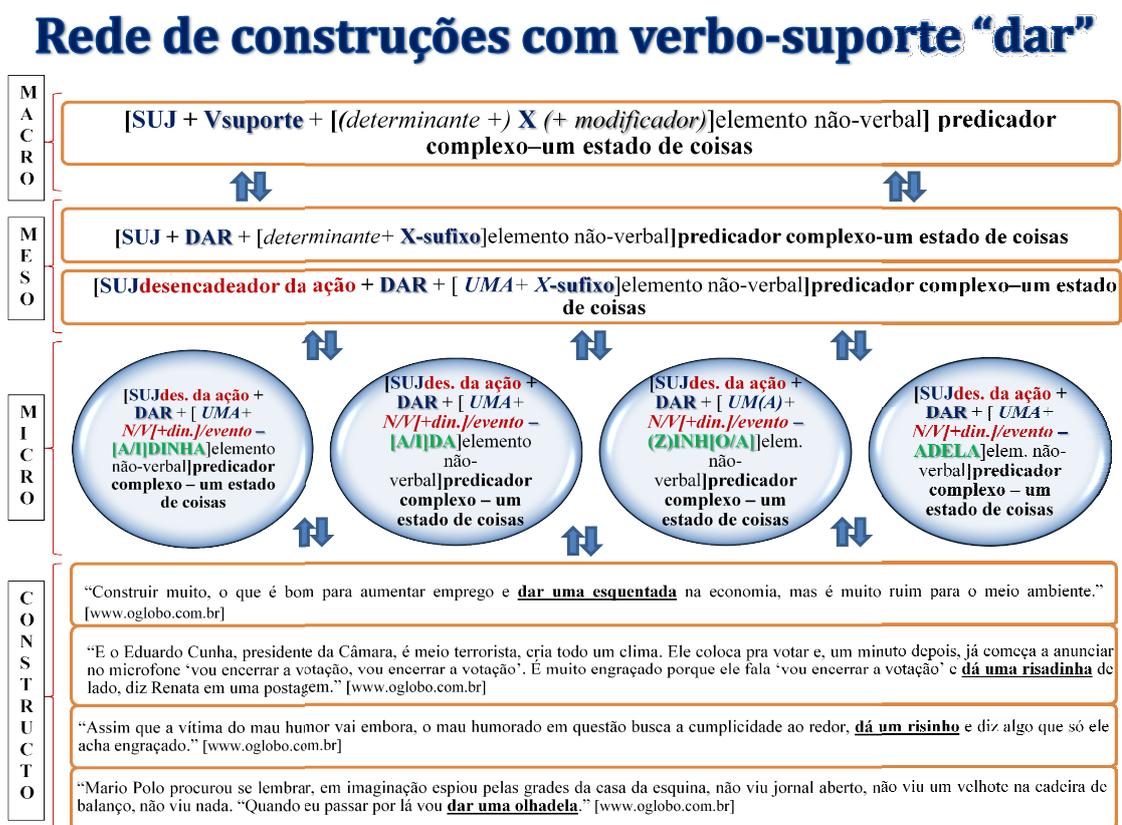


Diagrama 1: Rede taxonômica de construções com verbo-suporte “dar”

Cabe dizer que as setas na representação seguem duas direções, pois foi levado em conta que é a partir do uso concreto que se chega a um padrão abstrato (seta de baixo para cima) e que são os padrões abstratos que licenciam os usos substantivos (seta de cima para baixo).

Levando em consideração que todas as construções com verbo-suporte em questão fazem referência a uma cena básica da experiência humana, isto é, representam um estado de

coisas, fez-se necessário que essa característica estável fosse representada na rede. Segundo Bach (1986) e Parsons (1990, p. 20), eventualidade representa as três principais categorias de situações postas em relevo através de expressões linguísticas: eventos, estados e atividades. Além disso, observou-se que o sujeito faz parte da construção e, portanto, deve ser representado. E após a análise, observou-se que esse sujeito era um desencadeador da ação. Outra informação diz respeito ao elemento “X”. Quando o “X” é uma base verbal, observou-se que apresentava o traço [+ dinamismo] e se tratava de um evento, daí sua representação na rede.

O segundo parâmetro referido é a produtividade, que está ligada ao nível de cristalização e de rotinização/automatização da construção, relaciona-se à frequência do tipo construcional (*type*) e à frequência das ocorrências (*token*) (BYBEE, 2003); refere-se à ampliação (o grau com que umas construções mais abstratas/esquemáticas sancionam construções menos abstratas/esquemáticas) e à restrição (o grau com que construções menos esquemáticas são restritas por construções mais esquemáticas). Tendo o *corpus* do presente trabalho como material de análise, foi possível buscar padrões e verificar a distribuição por frequência das construções por tipo (*type*) e por ocorrências (*token*); e o resultado se encontra na tabela que segue abaixo. Tendo em vista que, no material coletado para este estudo, tiveram maior frequência as microconstruções em destaque/negrito nas tabelas, essa observação pode ser um indício de cristalização e maior rotinização de certos *types*/tipos construcionais (os em negrito), sinal de um processo, captado pela frequência, com potencial de propiciar um certo direcionamento de mudança. Daí advêm o interesse e a importância de se observar a frequência. As construções podem sofrer alterações em aspectos formais e/ou funcionais, mas também podem ter alterações em sua frequência e sua distribuição numa comunidade de fala. Quanto maior a produtividade, mais ativa fica na memória e, então, maior a probabilidade de a construção ser estendida a novos itens.

Tabela 1- Frequência *type* e *token* de construções com verbo-suporte DAR enquanto operador de elementos não-verbais do tipo “uma X-[a/i]da”, “uma X-[a/i]dinha”, “uma X-(z)inho(a)” e “uma X-adela”

DAR UMA X-[A/I]DA (TOTAL: 107 dados)		DAR UMA X-[A/I]DINHA (TOTAL: 99 dados)		DAR UM(A) + X- (Z)INHO(A) (TOTAL: 21 dados)		DAR UM(A) + X- ADELA (TOTAL: 16 dados)	
TYPE (33 tipos)	TOKEN (107)	TYPE (26 tipos)	TOKEN (99)	TYPE (9 tipos)	TOKEN (21)	TYPE (5 tipos)	TOKEN (16)
Dar uma alfinetada	1	Dar uma arrumadinha	3	Dar um empurrãozinho	3	Dar uma piscadela	2
Dar uma	4	Dar uma	1	Dar uma	1	Dar uma	2

arrancada		batidinha		ajudinha		espiadela	
Dar uma arrumada	10	Dar uma caminhadinha	3	Dar uma forcinha	2	Dar uma olhadela	10
Dar uma batida	3	Dar uma catucadinha	1	Dar um jeitinho	6	Dar uma escapadela	1
Dar uma cabeçada	3	Dar uma choradinha	7	Dar uma mãozinha	2	Dar uma esticadela	1
Dar uma cantada	1	Dar uma cochiladinha	2	Dar uma palavrinha	3		
Dar uma chicotada	3	Dar uma dormidinha	4	Dar uma pulinho	1		
Dar uma cochilada	4	Dar uma entradinha	5	Dar um risinho	2		
Dar uma cortada	1	Dar uma enroladinha	2	Dar uma voltinha	1		
Dar uma caminhada	11	Dar uma escapadinha	8				
Dar uma clareada	2	Dar uma escorregadinha	1				
Dar uma dentada	1	Dar uma espiadinha	1				
Dar uma enrolada	2	Dar uma esticadinha	2				
Dar uma espiada	4	Dar uma fugidinha	7				
Dar uma esquentada	4	Dar uma gargalhadinha	1				
Dar uma escorregada	2	Dar uma lidinha	1				
Dar uma esticada	6	Dar uma olhadinha	25				
Dar uma fugida	2	Dar uma paradinha	1				
Dar uma garfada	4	Dar uma passadinha	12				
Dar uma gargalhada	3	Dar uma pauladinha	1				
Dar uma garrafada	2	Dar uma picadinha	1				
Dar uma joelhada	1	Dar uma pintadinha	1				
Dar uma lida	2	Dar uma queimadinha	1				
Dar uma martelada	2	Dar uma respiradinha	1				
Dar uma olhada	13	Dar uma risadinha	3				
Dar uma paulada	4	Dar uma saidinha	4				
Dar uma pedrada	2						
Dar uma piscada	1						
Dar uma remada	2						
Dar uma telefonada	1						
Dar uma topada	2						
Dar uma turbinada	3						

O terceiro parâmetro a ser analisado, com base no *corpus* selecionado, é composicionalidade. A composicionalidade diz respeito ao nível de opacidade/transparência da ligação entre forma e significado dos componentes; isto é, o grau com que o significado do todo corresponde (ou não) à soma do significado das partes. A face sintática da composicionalidade é a analisabilidade, ou seja, o grau de integração morfossintática das partes. Pode-se pensar a composicionalidade a partir do exemplo a seguir: “Em entrevista recente, a jornalista contou que a decisão de colocá-la no carro foi da própria escola. “Falaram ‘Você é muito bonita, a gente tem que aproveitar’. Porque lá atrás eu viria com todo mundo”, contou Graciele. Momentos antes do desfile, Wanessa Camargo deu uma alfinetada em Graciele. A cantora saiu em defesa da mãe, Zilu Godoi.” No exemplo anterior, podemos perceber que, pelo contexto apresentado, não se pode analisar o significado da construção como a soma do significado advindo de cada parte, uma vez que teríamos seu sentido e sua compreensão comprometidos. O “princípio da fraca composicionalidade” estabelece que a construção inteira, e não apenas o significado lexical de um item, é precursora do sentido gramatical. Assim, “dar uma alfinetada” não se refere ao sentido de transferência de uma ação com o objeto alfinete, mas refere-se ao sentido metafórico de provocação e de crítica.

Análise dos dados de percepção, avaliação e atitude linguística

Para além da análise quantitativa da variação, urge fazer uma análise qualitativa da variabilidade tendo por base dados empíricos. Para tanto, recorreu-se à metodologia de pesquisa experimental, a fim de que se pudesse aferir a sensibilidade dos usuários do PB com relação ao cotexto e/ou ao contexto, bem como à variabilidade (expressões passíveis de alternância) e à conceptualização de uma cena. A hipótese relacionada à análise sobre percepções e avaliações subjetivas é a de que, em determinados contextos, os informantes terão a percepção de que os padrões construcionais não apresentam diferença semântica e/ou pragmática, apesar da diferença formal.

Os dados de percepção, avaliação e atitude linguística podem revelar casos de variação ‘(convivência ou competição), mesmo que, a princípio, tenham sido identificadas diferenças de forma ou de sentido. Quando convencionalizadas socialmente, podem ser associadas pelos falantes a contextos de uso “semelhantes.”

Entre os procedimentos dessa etapa, solicitou-se ao participante/informante, no teste de atitudes, que marcasse a(s) opção(ões) mais condizente(s) ao preenchimento da lacuna, ou seja, qual ou quais das construções com verbo-suporte das opções o informante intuía que melhor coubesse(m) naquele contexto. Ofereceu-se, no teste, a possibilidade da marcação de mais de uma opção ou de todas as opções.

Ao se levarem em conta aspectos funcionais da construção, pode-se perceber que as construções com verbo-suporte “dar” seguido de um elemento não-verbal do tipo “uma X-[a/i]da”, “uma X-[a/i]dinha”, “um(a) X-(z)inh[o/a]” e “uma X-adela” podem ser associadas ao valor de curta duração temporal, como os resultados da questão 1 do teste (cf. apêndice) mostraram: “Ele diz que a única estripulia a que permite atualmente é beber no trailer que fica em frente à sua casa, na Barra: - Fiquei muito caseiro, prefiro chamar todo mundo lá para casa. O samba pode estar cantando que eu vou para o meu quarto _____ e volto mais tarde, bonitinho.” O gráfico a seguir mostra as respostas dos informantes para o preenchimento da lacuna da questão 1 apresentada anteriormente:

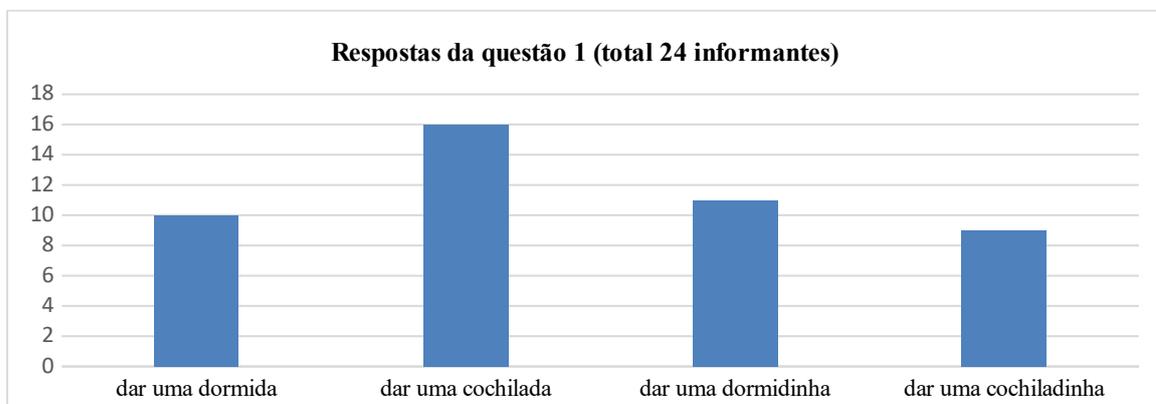


Gráfico 2. Respostas da questão 1 da pesquisa de opinião (total 24 informantes)

Como podemos perceber, a opção preferida pelos informantes de preenchimento da lacuna foi “dar uma cochilada”. Na continuação da questão 1, ao serem questionados sobre a existência (ou não) de diferença de sentido ou de uso entre as opções, respondentes apontaram para a diferença temporal inerente entre os predicadores plenos “dormir” e “cochilar”, havendo o primeiro uma duração maior do que o segundo. Tendo isso em vista e ainda com a

influência da expressão “volto mais tarde” no contexto, a expressão “dar uma cochilada” foi a que pareceu mais adequada, pois seria mais breve tendo em vista a necessidade de retorno pouco tempo depois. Houve, em geral, a menção ao fato de que todas as opções indicam um evento com curta duração temporal, apesar de alguns terem duração mais curta do que outros. Além disso, apontaram que o uso do diminutivo contribui para a noção de pouca duração. Dessa forma, para a indicação do valor de curta duração temporal, parece haver uma competição entre as variantes em que uma está ganhando mais destaque para a ênfase desse valor. Os comentários dos informantes, para a continuidade da questão 1, que confirmam essa análise, seguem em anexo.

Tendo em vista a questão 2: “O jogador mais irritado com a proibição de sair foi o Wendell, que pretendia comprar material de treino: - Queria _____ e comprar luvas e calções para treinamento e não me deixaram.”, podemos observar as respostas dos informantes a esta questão e a sua continuação no gráfico e na tabela a seguir:

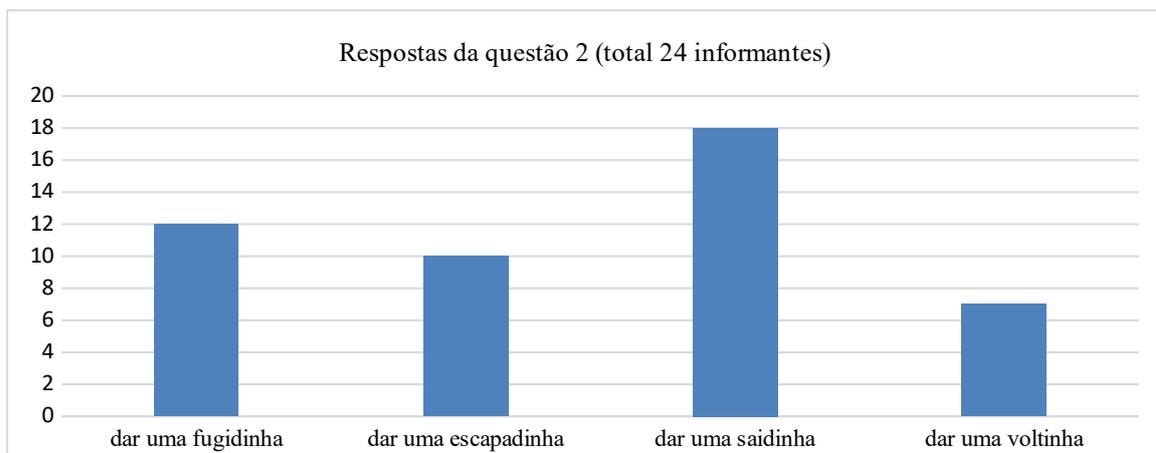


Gráfico 3. Respostas da questão 2 da pesquisa de opinião (total 24 informantes)

A partir da análise das respostas apresentadas anteriormente, pode-se observar que os usuários do PB que responderam à pesquisa tenderam a separar as opções em dois grupos: um composto pelas construções “dar uma fugidinha” e “dar uma escapadinha” e o outro composto por “dar uma saidinha” e “dar uma voltinha”. No primeiro grupo, estariam as construções que são usadas quando há alguma proibição em jogo, e isso se percebe pela influência do contexto. Por outro lado, o segundo grupo, formado por “dar uma saidinha” e “dar uma voltinha”, não envolveria proibição, mas estaria ligado à noção de passeio, uma saída sem objetivo pré-determinado, assim como também houve uma associação dessas construções à

nuance de duração temporal mais longa, tendo em vista o não compromisso, bem como a ausência de preocupação. Entre as construções do mesmo grupo, no entanto, não houve, majoritariamente, a percepção de uma diferença nem semântica nem pragmática entre elas. Entende-se, portanto, que há uma variação por convivência entre elas. A preferência dos informantes recaiu na marcação da opção “dar uma saidinha”, pois, acredita-se, levaram em conta o fato de que se trata da fala em discurso direto do indivíduo envolvido na ação. Assim, de acordo com a sua perspectiva, trata-se de “uma saidinha”, sem preocupação, pois seria uma forma de amenizar a ação proibida. Dessa forma, percebe-se que a construção foi usada a serviço da subjetividade como uma estratégia para suavizar a própria fala, suas ações e suas consequências, bem como uma estratégia de convencimento de sua razão sobre o evento ocorrido.

Passemos agora para a análise da terceira questão e de suas respectivas respostas: “Lá vai: o que fazer para se divertir quando você está se sentindo a última pessoa do mundo? Onde levar a namorada para terminar de vez o relacionamento? E qual é o melhor lugar para encontrar um cara que você só conhece via internet? A fim de _____ e fazer deslanchar de vez a imaginação dos leitores, o Rio Show bolou um guia com sugestões de dez programas para dez circunstâncias em que é preciso, no mínimo, de uma dose dupla de criatividade”.

Respostas da questão 3 (total 24 informantes)

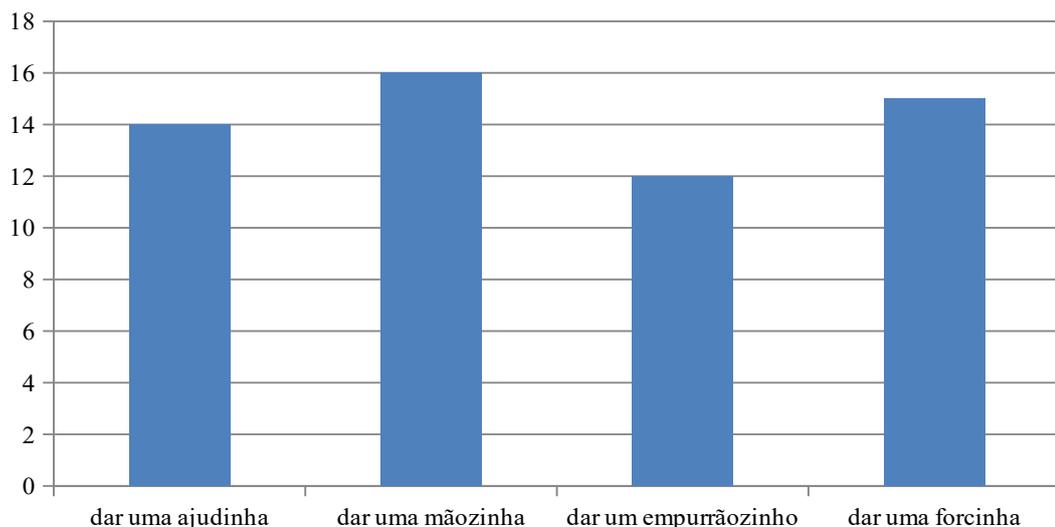


Gráfico 4. Respostas da questão 3 da pesquisa de opinião (total 24 informantes)

Como é possível observar, novamente não houve, na maioria das respostas, por parte da percepção dos informantes, distinção funcional entre as construções “dar uma ajudinha”, “dar uma mãozinha” e “dar uma forcinha” nesse contexto. Percebe-se, portanto, que há variação por convivência, uma vez que há “constructos ligados a um ou mais padrões construcionais”. Nesse caso, houve a variação formal da base do elemento não-verbal (“X”), sem que houvesse distinção empiricamente atestada de função. O que foi destacado como diferente foi a construção “dar um empurrãozinho”, pois esta fazia referência ao início de algo, ao impulso inicial, e esse valor não coincide com o contexto em questão, cujo sentido que se requer é o de auxílio. Outra observação que pode ser evidenciada nessa questão é a que diz respeito ao parâmetro composicionalidade. Como referido na subseção anterior, este parâmetro se refere ao grau com que o significado do todo corresponde ou não à soma do significado das partes. Ao se observar a construção “dar uma mãozinha” sendo associada pelos informantes à noção de “ajuda”, percebe-se que ela apresenta uma fraca relação entre a forma e o conteúdo, pois não se trata de uma transferência da parte do corpo denominada “mão” de tamanho pequeno, mas faz referência a um outro sentido já convencionalizado socialmente.

Observemos a próxima questão a seguir (questão 4) e suas respectivas respostas: “Os arrastões apavoram e já estão fazendo com que aquele *clássico pedido* de 'pode _____ nas minhas coisas?', soe quase como uma ofensa pessoal. Na tarde de quinta-feira, duas pessoas se recusaram a ficar de olho na mochila de uma moça, na altura do Posto 9. Ela ouviu de ambos: 'Sabe como é, com esses arrastões, não posso me responsabilizar'.”

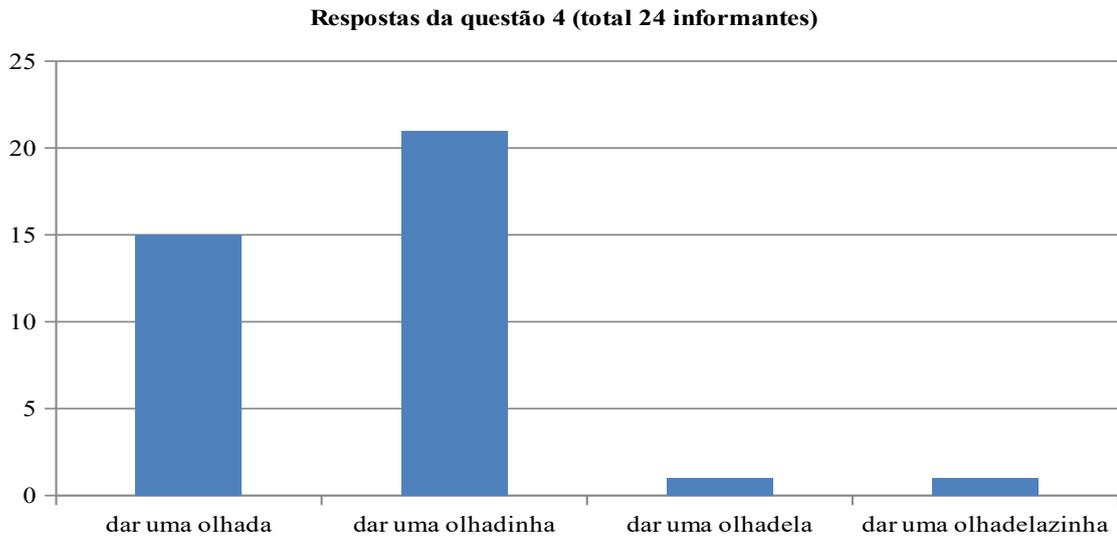


Gráfico 5. Respostas da questão 4 da pesquisa de opinião (total 24 informantes)

Na questão 4, as duas opções mais marcadas foram, respectivamente, “dar uma olhadinha” e “dar uma olhada”. A maior parte dos informantes não reconheceu as construções “dar uma olhadela” e “dar uma olhadelazinha” como expressões usuais do PB. Alguns respondentes atribuíram essa estranheza ao grau de formalidade, considerando-as como mais formais, devido à sua raridade na língua (principalmente hoje em dia). Em contrapartida, percebe-se que houve uma preferência significativa pela construção “dar uma olhadinha” em comparação a “dar uma olhada” nesse contexto. Entende-se que esse resultado seja decorrente da influência do cotexto (ambiente estritamente linguístico), pois se trata de um “pedido” e esse pedido é caracterizado como “clássico”. Por ter essa caracterização, é possível entender que já é bem conhecido em uma comunidade de fala e que, supõe-se, não só já esteja convencionalizado socialmente como já seja uma expressão com um grau de cristalização maior, como é evidenciado por um comentário de um informante: “culturalmente comum”. Isso evidencia que o conhecimento de uma construção inclui também o conhecimento dos contextos sociais em que ela normalmente está inserida e que há uma forte base em ocorrências previamente experienciadas. Ao observarem as possíveis diferenças entre “dar uma olhada” e “dar uma olhadinha”, a justificativa para a preferência pelo segundo padrão construcional se dá em decorrência a uma associação a essa construção uma atitude de polidez, uma vez que “soa melhor”, “menos abusivo”, um pedido que tenha um cuidado com

o interlocutor, de forma que o faça ser convencido. Trata-se de uma estratégia de atenuação da ameaça à face do interlocutor, uma atitude intersubjetiva. Associou-se também à construção “dar uma olhadinha” um valor de curta duração temporal mais acentuado em comparação a “dar uma olhada”; e esta última foi associada a uma maior responsabilidade. Como se pode observar, há variação por competição; e parece que se desenha uma tendência a “dar uma olhadinha” ganhar mais espaço do que “dar uma olhada”, ao se registrar uma “substituição” (por generalização ou especialização) da forma “antiga” pela mais recente. Nesse caso, percebe-se uma diferença entre os sufixos do elemento não-verbal. E isso se confirma quando se analisou a frequência na subseção anterior (“dar uma olhadinha”, com 25 ocorrências e “dar uma olhada”, com 13 ocorrências).

Os resultados da questão 5 foram, em parte, semelhantes aos da questão 4 no que diz respeito ao uso. Observemos a questão e seus resultados: “Neste fim de semana quando você for visitar o Barra Shopping, _____ até Santa Monica e conheça o outro grande sucesso da Barra. Um bairro planejado para o novo estilo de viver que surge na cidade.”

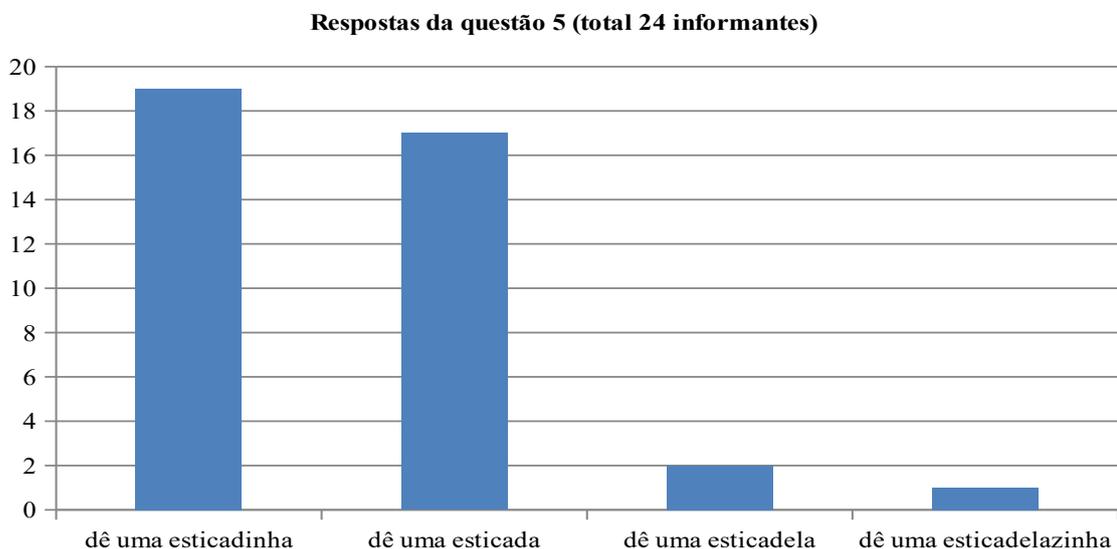


Gráfico 6. Respostas da questão 5 da pesquisa de opinião (total 24 informantes)

A opção mais marcada nessa questão foi “dar uma esticadinha”. As justificativas principais são as de que se trata de um “convite meigo”, a de que “suaviza a ordem do imperativo” e a de que se trata de uma distância mais curta. As construções “dar uma

esticadela” e “dar uma esticadelazinha” foram consideradas, majoritariamente, como pouco utilizadas e, por vezes, associada à formalidade. “Dar uma esticada” e “dar uma esticadinha” revelam indícios de estarem variando em competição. Cabe ressaltar que, nesse caso, a forma “antiga” não é instantaneamente perdida, mas continua a competir com a forma “nova”. Com o decorrer do tempo, é normal observar uma construção ampliando seu domínio de aplicação ou perdendo território para alguma outra construção mais produtiva.

Passemos, por fim, à análise da última questão e de suas respostas: “Assunto: horóscopo. Regente: Júpiter – A cabeça está meio confusa hoje, você terá dificuldades em tomar decisões. É aconselhável consultar outras opiniões antes de resolver algo importante. As viagens em geral estão favorecidas, aproveite o fim de semana para _____.”

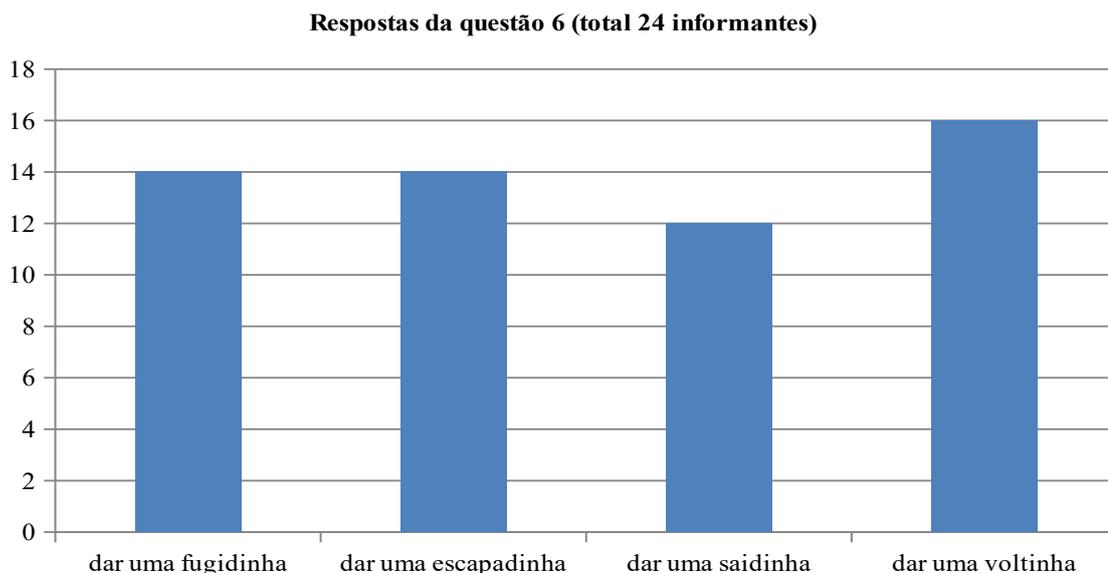


Gráfico 7. Respostas da questão 6 da pesquisa de opinião (total 24 informantes)

As respostas da questão 6 foram, majoritariamente, em direção à opção “dar uma voltinha” e a justificativa principal é a que se trata de uma ação realizada com uma certa espontaneidade, um passeio, uma saída da rotina sem compromisso. No entanto, as construções “dar uma voltinha”, “dar uma fugidinha”, “dar uma escapadinha” e “dar uma saidinha” parecem revelar indícios de variação por convivência.

Discussão dos resultados

Os resultados dos testes experimentais permitiram reunir evidências empíricas, captadas mediante pesquisa de percepção, atitude e avaliação subjetiva dos informantes/participantes de pesquisa, com relação aos dois princípios propostos por Goldberg (1995).

Atestaram que o Princípio de Não-Sinonímia nem sempre encontra evidência positiva na prática da interação social, uma vez que, apesar de determinadas construções existirem independentemente na língua, os informantes nem sempre perceberam diferenças semânticas e/ou pragmáticas e, mais do que isso, muitas vezes as relacionam por analogia/similaridade, ora reconhecendo nelas similaridade configuracional no pareamento forma-função (presença de afixo diminutivo, associação dessa presença à noção de diminuição (temporal, relação inter-actantes), atenuação de propriedade aspectual/momentaneidade ou propriedade em termos de (inter)subjetividade de um estado de coisas), ora traçando a partir delas uma associação a experiências prontas e repetidas em atos discursivos que pendam ao pedido ou à proposição de algo em alguma medida comprometedor da face do enunciador ou do participante/força indutora por ele referido na construção de referencialidade no texto/discurso. Nesse segundo caso, acredita-se que esse tipo de associação tenha algum elo com o que MACHADO VIEIRA & WIEDEMER (a sair) tem referido como variação por paradigma discursivo.

Além disso, pode-se perceber que o conhecimento da variação não engloba conhecimento estritamente linguístico, mas também envolve o contexto. Os usuários do PB têm em suas mentes quais variantes são possíveis e quais são as mais adequadas em determinada situação. Esse conhecimento, portanto, é detalhado, específico e convencionalizado socialmente. Improvisos podem ser feitos de acordo com a necessidade comunicativa. Observou-se que determinados padrões construcionais estão convivendo, enquanto outros competem pela busca de um território de atuação maior. A frequência de uso reflete o grau de cristalização dessas construções e sugerem as tendências de variação no polo funcional com relações cada vez mais polissêmicas, na medida em que a frequência tende a ser maior.

Ficou claro também que tanto o contexto quanto o cotexto influenciam na determinação do significado de uma construção. Além disso, não podemos associar os padrões construcionais apenas à curta duração temporal. Há outras relações de sentido em jogo, como a indicação de polidez, uma estratégia discursivo-pragmática de atenuação e de preservação à face dos interactantes, uma atitude subjetiva do locutor, sua perspectiva acerca do evento, bem como uma atitude intersubjetiva de consideração do interlocutor como participante ativo da interação comunicativa. Portanto, percebe-se uma tendência à modalização do discurso, a fim de que se possa demonstrar um cuidado com a própria enunciação.

Conclusão

Tendo em vista a análise dos dados de usos de construções com verbo-suporte “dar” enquanto operador de elementos não-verbais do tipo “uma X-[a/i]da”, “uma X-[a/i]dinha”, “uma X-(z)inh[o/a]” e “uma X-adela” e os resultados acerca das percepções, foi possível perceber que essas construções são muito frequentes na língua, pois podem indicar valores diversos (como a curta duração temporal e modalização) e isto permite ampliar nossa capacidade expressiva na comunicação. Ao fazer uma descrição das construções em jogo, observaram-se os parâmetros relacionados às construções: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

À luz, principalmente, de orientações da perspectiva construcionista baseada no uso (GCBU), registrou-se o comportamento linguístico de usuários do Português do Brasil (PB) com relação ao funcionamento formal e funcional desses predicadores complexos. Os resultados mostraram que o cotexto e os espaços sociocomunicativos de interação foram relevantes no entendimento da manifestação dos padrões construcionais no discurso.

Este estudo proporcionou uma reflexão acerca de um dos recursos linguísticos oferecidos pelo português que são as construções com verbo-suporte em questão. Além disso, entende-se que uma visão construcionista das perífrases verbo-nominais, tendo em vista a variação como central, presente não só no nível mais substantivo dos constructos, mas também presente em padrões construcionais abstratos, reitera o fato de que a língua envolve dinamismo, que a gramática é “emergente” e que modifica suas estruturas a todo instante.

Referências

- ABRAÇADO, J.; KENEDY, E. (Orgs). *Transitividade traço a traço*. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2014.
- ALONSO, K.; CEZARIO, M. A dimensão do uso na gramaticalização de construções. In: OLIVEIRA, M. R. & ROSÁRIO, I. C. (Orgs). *Linguística Centrada no Uso: Teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 64, 2015.
- BOLINGER, D. Entailment and the Meaning of Structures. *Glossa* 2(2). p. 119–27, 1968.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BYBEE, J. “Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency”. In: Brian JOSEPH, B. D. & JANDA, R. D. (Eds.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Hoboken, NJ: Blackwell, 2003. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 602-623, 2010.
- CAPPELLE, B. Particle placement and the case for ‘allostructions’. In *Constructions All Over: Case Studies and Theoretical Implications*, Doris Schönefeld (ed.), urn:nbn:de:0009-4-6839 (Special volume of *Constructions* SV1- 7/2006.), p.1-28, 2006.
- ESTEVES, G. A. T. *Construções com DAR + Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ. Dissertação de Mestrado, 2008.
- GOFFMAN, E. *Interactin Ritual*. New York: Harp e Ruw, 1967.
- GOLDBERG, A. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- _____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GÖRSKI, E., M. TAVARES, M. A. Variação e sociofuncionalismo. In: ABRAÇACO, J.: MARTINS, M. A. (orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Contexto, p. 249-270, 2015.
- HILPERT, M. Language variation and change. In: _____. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, cap. 8, p. 179-201, 2014.

KENEDY, E. Psicolinguística na Descrição Gramatical. In Maia, M. (org) et al. *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, p. 143-155, 2015.

LAVANDERA, B. *Variación y significado*. Buenos Aires: Hachette, 1984.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista LinguiStica*, [S.L.], p. 152-170, 2016.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. & WIEDEMER, M. L. A variação no modelo construcionista da linguística funcional-cognitiva. (inédito, s/d, a sair)

TRAUGOTT, E. C. and R. B. DASHER. *Regularity in Semantic Change*. (Cambridge Studies in Linguistics 96.) Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C. & TROUSDALE, G. *Constructionalization and Construction changes*. Great Britain: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, G. *A constructional approach to lexicalization processes in the history of English: evidence from possessive constructions*. *Word Structure*, 2008.

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M, I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de M. Bagno. Ver. Téc. de C. A. Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WIEDEMER, M. L. & MACHADO VIEIRA, M. dos S. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. *Caderno Seminal Digital Especial*, nº 30, v. 30 (JAN-DEZ/2018), p. 81-132, 2018.

WIEDEMER, M. L. & MACHADO VIEIRA, M. dos S. *Sociolinguística e Gramática de Construções: o envelope da variação*. In: FRANCESCHINI, L. T. & LOREGIAN-PENKAL, L. *Sociolinguística: estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas*. Guarapuava: Ed. Da Unicentro, p. 41-77, 2018.

A constructional analysis of the variation between constructions with support verb “DAR” (GIVE) in BP

Abstract: The present article has as its theme the variation between constructional patterns licensed from support verb “DAR” (GIVE) construction in which this verb relates to non-verbal elements such as “uma X-[a/i]da”, “uma X-[a/i]dinha”, “um(a) X-(z)inh[o/a]” and “uma X-adela”, such as: *dar uma caminhada*, *dar uma fugidinha* e *dar um pulinho*. Considering the principle of non-synonymy of Goldberg (1995), we intend to verify if the results of the experimental research undertaken on the basis of uses of such patterns will show if the informants find functional differences between the complex predicates. These constructions with support verb tend to mark a short temporal duration, but they may put into play the use of politeness strategy as a face preservation feature. In view of the orientations of Functional-Cognitive Linguistics and the Construction Grammar approach, we present

a research whose objective is to investigate if there would be indication of variation, as well as to verify the different readings of the state-of-affairs/event or situation by Brazilian Portuguese (BP) users, taking into account both the semantic, discursive and pragmatic context in which these constructions are inserted. Results confirm the hypothesis that such constructional patterns, when updated in the discourse, highlight diverse values, such as short temporal duration and politeness. In addition, some of their constructs reveal evidence of variation (for coexistence or competition). It is, therefore, a constructivist analysis of variation based on results of experimental research.

Keywords: Constructions with support verb. Functional-Cognitive Linguistics. Variation. Construction Grammar. Experimental Research.

Recebido em: 28 de novembro de 2019.

Aceito em: 29 de março de 2019.